

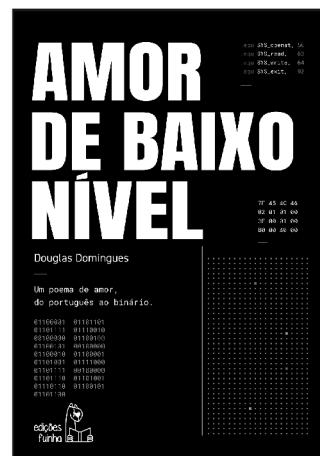


GUIA CAPENGA DE LEITURA

Amor de baixo nível

Perguntas para testar o que continua sendo amor quando já não dá para ler a palavra.

Um poema em português atravessa blocos coloridos, linguagens de programação, instruções de máquina e números. A proposta é conservar o poema-programa enquanto muda sua forma. Este guia põe essa continuidade à prova: o que você ainda reconhece, o que precisa aceitar sem entender e o que passa a sentir de outro jeito? Saber programar pode mudar a leitura. Não saber também faz parte do encontro com o livro.



AUTOR Douglas Domingues

edições fuinha · 2026 · 5 blocos de leitura · ISBN impresso 978-65-84058-17-0

Um poema de amor, do português ao binário. O livro apresenta 19 níveis, de 0 a 18. Os cinco blocos deste guia aproximam aspectos do experimento; não correspondem a cinco poemas diferentes.

O coração não vem incluído

Por conta própria

Escolha a última versão em que você ainda reconhece o poema e a primeira em que passa a enxergar principalmente uma forma na página. O que mudou nesse limite? Compare as duas com o português: você deixou de ler o poema ou começou a lê-lo de outro jeito? Depois avalie o conjunto. A descida produz uma experiência que a ideia sozinha não entregaria? Não há obrigação de achar os zeros e uns profundos.

Com outras pessoas

Cada pessoa escolhe uma página em que ainda encontra o poema e outra em que sente que o perdeu. Comparem os critérios: reconhecer palavras, acompanhar a regra e ser afetado são a mesma coisa? Quem conhece código pode explicar uma passagem, e o grupo observa se isso muda a leitura. Discutam o que a tradução conserva e o que cada leitor acrescenta. A pessoa que programa não recebe automaticamente a última palavra sobre o amor.

Como usar

- Leia o poema da página 9 e folheie suas versões até a 45. Observe palavras, cores, espaços e mudanças no seu jeito de ler.

Antes de entrar no assunto

1. O título te fez pensar em máquina, qualidade duvidosa ou relacionamento? O subtítulo mudou sua expectativa?

- Compare duas versões e teste a afirmação de que é o mesmo poema. O que precisa permanecer: as palavras, a regra, o efeito sobre você? Consulte as fichas quando ajudarem. Você não precisa decifrar cada instrução para ter uma experiência com a página.
 - Leia também a epígrafe, a apresentação, a nota sobre o processo e o cólofon. O **CORAÇÃO** é um dispositivo fictício: o livro especifica como receber números, mas isso não resolve como medir amor e dor. Essa distância faz parte da conversa.
 - Volte ao português depois da última página. A travessia acrescentou alguma coisa ou a ideia já se esgotava na explicação? Vale gostar do poema e não gostar da operação, ou o contrário. As páginas citadas são do miolo impresso.
2. Se um poema muda todas as palavras, o que precisaria conservar para você ainda chamá-lo de o mesmo poema?
 3. Diante de uma página de código, sua primeira vontade é decifrar, olhar o desenho, procurar uma palavra conhecida ou virar a página?

Se der branco: Volte à página 9 e escolha uma palavra: *amar*, *sentir*, *continuar* ou *interromper*. Procure o que aconteceu com ela em outra página. Se não conseguir encontrá-la, comece pela diferença entre saber que ela foi traduzida e conseguir reconhecê-la.

Jeitos de descer e voltar

Do verso à mancha

Compare o português, o Scratch e o binário, nas páginas 9, 11 e 45. Observe o que acontece com o espaço, as cores e a possibilidade de reconhecer alguma coisa. Depois volte ao primeiro poema.

Seguir uma palavra

Escolha *continuar* ou *interromper* e acompanhe suas mudanças em duas ou três versões. Leia as notas de fluxo das fichas. O que a fidelidade ao verso conserva que a execução poderia dispensar?

Quem ficou sentindo

Aproxime a epígrafe da página 5, o dispositivo **CORAÇÃO** e as duas últimas páginas. Investigue o que o livro consegue formalizar e o que continua dependendo de uma experiência que ele não transforma em número.

Depois de tudo

1. Depois do binário, volte ao poema em português. Qual verso você lê de outro jeito? Se nada mudou, o que isso diz sobre o efeito da travessia para você?
2. Em que ponto o poema deixou de ser reconhecível? O fato de você já conhecer o original manteve alguma coisa presente nas páginas que não conseguia ler?
3. O livro consegue especificar como receber amor e dor, mas deixa sua medição por conta de um CORAÇÃO fictício. Isso enfraquece a proposta ou concentra justamente o que ela tem de poético?
4. No cólofon, nenhum processador foi ferido, mas quem escreve não pode dizer o mesmo de si. Como essa volta ao corpo muda a descida até o código de máquina e o sentido do título?
5. As sucessivas versões fazem a ideia ganhar força, mudar de sentido ou se repetir além da conta? Que passagem você considera indispensável e de qual abriria mão?
6. Que sentimento, contradição ou experiência sua resistiria a uma regra como a do poema? Tente escrever uma condição que o livro não prevê. Vale inventar uma situação; ninguém precisa entregar o coração para conferência.

Amar. Enquanto...

Douglas Domingues / poema e epígrafe / p. 5, 8, 9

A epígrafe de Pascal fala das razões do coração que a razão desconhece. Poucas páginas depois, amar ganha condições: sentir enquanto houver amor, continuar se doer e interromper se a dor superar o amor. O poema ocupa pouco espaço e separa cada movimento com uma pausa. Antes do primeiro código, já existe uma regra tentando organizar o sentimento.

Palavras suspeitas: condição / limite / ritmo / razão

Para começar sem cerimônia

1. Você leu *Amar* como uma ordem, um desejo, uma definição ou o começo de uma tarefa?
2. Qual pausa mais mudou a leitura: depois de *amar*, de *sentir*, de *continuar* ou de *interromper*?
3. O verso sobre continuar apesar da dor te pareceu diferente depois que você leu a condição de interrupção?

Para pensar além da conta

1. Que tensão se cria entre a epígrafe e um poema que tenta organizar o amor por condições? A regra contradiz a frase de Pascal ou deixa à mostra uma dificuldade que ela já anunciava?
2. O que o poema permite imaginar ao deixar sem explicação quem ama, o que dói e como comparar os dois? Essa abertura é parte do que as versões seguintes precisam traduzir?
3. A ficha da página 8 descreve até o português por variante, escrita e codificação. Como isso prepara a leitura do poema como uma linguagem entre outras?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

O mesmo, em outra forma?

Douglas Domingues / comparação de versões / p. 7, 10, 11, 14, 15, 22, 23

No Scratch, o poema aparece em blocos coloridos que se encaixam. Em Python, palavras conhecidas convivem com recuos e instruções. O COBOL ocupa a página com divisões, nomes e declarações. As fichas explicam uma escolha recorrente: preservar *continuar* mesmo quando ele não acrescenta uma operação necessária. A fidelidade ao verso participa da construção do programa.

Palavras suspeitas: tradução / forma visual / repetição / fidelidade

Para começar sem cerimônia

1. Qual versão te convidou a ficar mais tempo na página? Foi por conseguir ler ou por gostar de olhar?
2. Nos blocos coloridos do Scratch, o poema parece mais simples, mais brincalhão ou mais controlado?
3. Reconhecer *amar*, *sentir* ou *continuar* no meio de outras instruções te ajuda a acompanhar ou só oferece um lugar conhecido para descansar?

Para pensar além da conta

1. Compare os espaços do português, os encaixes do Scratch e a organização do COBOL. O que a disposição faz com o ritmo de leitura, mesmo sem você compreender cada instrução?
2. As notas dizem que *continuar* é preservado mesmo quando redundante ou sem operação própria. O que se perderia poeticamente se o código fosse reduzido apenas ao necessário para funcionar?
3. Nas implementações, os testes que podem interromper vêm antes de *continuar*. Como essa ordem tenta conservar o sentido do poema? O que ela te faz perceber ao voltar aos versos?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

Quem mede o coração?

Douglas Domingues / leitura do dispositivo fictício / p. 12, 13, 36, 37, 42

O caminho /dev/coracao aparece como origem de dois valores: amor e dor. A função *sentir* os recebe; as condições os comparam. O livro identifica esse periférico como fictício. Nas fichas, a saída é nenhuma, e o tratamento de erros também tem suas ausências. Há muito cuidado em especificar a leitura dos dados, enquanto a passagem do sentimento ao número permanece uma invenção.

Palavras suspeitas: medida / ficção / coração / silêncio

Para começar sem cerimônia

1. O nome /dev/coracao te pareceu frio, engraçado, íntimo ou alguma coisa que mudou durante a leitura?
2. Que tipo de informação ficaria faltando se alguém te entregasse apenas um número para o amor e outro para a dor?
3. A indicação de que não há saída te fez imaginar silêncio, intimidade ou um programa que não tem nada a declarar?

Para pensar além da conta

1. O que acontece com o verbo *sentir* quando ele nomeia uma operação de receber dados? O verbo fica menor ou revela outra coisa que já fazia?
2. Como a precisão das fichas convive com a invenção do dispositivo que forneceria as medidas? Isso é uma falha a resolver ou uma parte da proposta? Sustente sua leitura em um detalhe.
3. O poema prevê quando a dor supera o amor. O que ele deixa em aberto ao não explicar como reconhecer, medir ou comparar essas experiências? Que efeito tem apresentar a regra com tanta certeza?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

Quando a palavra some

Douglas Domingues / Assembly, hexadecimal e binário / p. 38-45

Nos dois níveis de Assembly, ainda aparecem nomes como *amar*, *sentir*, *início* e *fim* entre instruções menos familiares. Depois vêm hexadecimal e binário: duas representações dos mesmos 308 bytes de um executável, conforme as fichas. Os zeros e uns não são uma simples transcrição das letras do poema em português. A página mostra o resultado de uma construção que passou por programa, instruções e dados.

Palavras suspeitas: legibilidade / representação / imagem / memória

Para começar sem cerimônia

1. Qual foi a última palavra reconhecível à qual você se agarrou antes dos números?
2. Você tentou ler os zeros e uns ou passou a observar a página como uma imagem? Onde percebeu essa mudança?
3. O binário parece guardar o poema, escondê-lo ou já ser outra coisa? O que você está chamando de poema nessa resposta?

Para pensar além da conta

1. Hexadecimal e binário representam exatamente os mesmos bytes. Isso basta para que as duas páginas produzam a mesma experiência de leitura? Compare sua densidade, seus sinais e o tempo que você passa olhando cada uma.
2. Imagine encontrar a página binária sem ter lido o português. O que mudaria? Quanto do amor que você encontra ali vem da memória do percurso?
3. O livro chama esse percurso de *descida*. Para você, aproximar-se da máquina significa perder algo, revelar outra camada ou trocar de leitor? A ordem editorial convence?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

Quem ficou sentindo

Douglas Domingues / nota sobre o processo e cólofon / p. 47-48

Depois do binário, volta uma voz em português. A nota relata uma ideia antiga, a formação em informática e o uso de ferramentas de inteligência artificial em tentativas, comparações e revisões técnicas. O autor identifica decisões que quis preservar, incluindo as redundâncias e a invenção do CORAÇÃO. O cólofon garante que nenhum processador foi ferido, mas não estende a garantia a quem escreveu.

Palavras suspeitas: autoria / processo / ferramenta / corpo

Para começar sem cerimônia

1. Voltar a uma voz que conta sua história depois dos números te deu alívio, surpresa ou vontade de permanecer no código?
2. Qual decisão citada na nota você já tinha percebido durante a leitura?
3. A última frase te pareceu piada, confissão ou as duas coisas? Ela mudou o tom do livro?

Para pensar além da conta

1. Como a nota distingue a ideia, as escolhas poéticas e o trabalho técnico? A descrição do processo muda o que você entende por autoria neste livro?
2. A preservação de redundâncias aparece como decisão do autor. O que esse exemplo permite discutir sobre escolher o que uma tradução deve conservar, mesmo quando uma ferramenta oferece outras soluções?
3. O cólofon recoloca a possibilidade de ferimento em quem escreve. Como essa volta ao corpo conversa com a tentativa de representar amor e dor em números? Ela encerra a experiência ou faz você reler o começo?

ALGUMA COISA QUE PARECEU IMPORTANTE NA HORA

Guia capenga de leitura das edições fuinha.

Use sozinho ou em grupo. Resultados intelectuais não garantidos.

edicoesfuinha.com.br/guias/amor-de-baixo-nivel